

OLGA DE SÁ

INTERIORIZAÇÕES E IMPRESSÕES AMOROSAS

Escrito por:

Maria Cecília Isatto Parise

Mestre em História da Filosofia pela Universidade de Paris I

– Sorbonne

Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo



RESUMO: Relato de meu encontro com a professora e doutora irmã Olga de Sá, sua paixão pela literatura e, sobretudo, por Teresa D'Ávila o que me despertou para a possibilidade de escrever.

Palavras-Chaves: Olga de Sá; Teresa D'Ávila; Edith Stein.

Abstract: Report of my meeting with professor and doctor sister Olga de Sá, her passion for literature and, above all, for Teresa D'Ávila, which awakened me to the possibility of writing.

Key words: Olga de Sá; Teresa D'Ávila; Edith Stein.

Conheci a querida Irmã Olga de Sá em 2014. Como professora de filosofia do Seminário Maria Mater Ecclesiae, tinha sido convidada a dar uma palestra em Taubaté e lá conheci a igualmente querida Juraci de Faria Condé, pedagoga, poetisa e biógrafa de Malba Tahan. Criou-se imediatamente uma relação de simpatia entre nós, e quando ela soube de meu interesse pelos santos carmelitas me convidou para conhecer o Grupo de Estudos Teresa de Ávila, da UNIFATEA. Foi lá que encontrei pela primeira vez a mulher extraordinária e singular, Olga de Sá, Doutora em Comunicação e Semiótica, pós-graduada em Psicologia Clínica, licenciada em Letras Clássicas, bacharel em Ciências da Religião e em Orientação Educacional, educadora, escritora, poeta.

Não foram os seus títulos que mais me impressionaram, e sim a sua vivacidade: uma alegria interior que transbordava naturalmente pelos poros de sua pele. Já em sua cadeira de rodas motorizada, movimentava-se com destreza e leveza, como uma criança jogando com um de seus brinquedos. Assim que comecei a conversar com a Irmã Olga, pensei: é uma mulher com uma alma de criança, daquelas que não envelhecem nunca. Interessada nos outros e falando muito pouco em si mesma, me fez várias perguntas, visivelmente muito interessada. Logo após a minha breve apresentação, quando falei de minha afeição pelas “duas Teresas” – a santa de Ávila e a Benedita da Cruz, Edith Stein, – me convidou, ou melhor, me intimou a apresentar algo sobre as duas santas em um próximo encontro do GESTA (Grupo de Estudos Teresa D'Ávila). Já me convidou a, depois da apresentação, publicar o meu texto como um capítulo do próximo livro que estava organizando junto com Sônia Siqueira.

Desse modo, e sem saber, a Irmã Olga me impulsionou ao mundo da escritura, que eu havia abandonado durante os anos de maternagem de meus dois filhos, seguidos pelos de professora de filosofia em um Seminário supra diocesano e por estar me dedicando a um segundo mestrado, agora no Brasil, sobre o conceito de alma na obra de Edith Stein. Apesar de todas as desculpas dadas para não escrever o texto e apenas apresentá-lo, a Irmã Olga, assim como toda criança, não admitiu um “não”. Além de me ter motivado, ela aproveitou as minhas desculpas e me sugeriu falar sobre o meu tema de pesquisa de mestrado, relacionando as duas Teresas. Impossível resistir a um pedido dessa mulher tão inspiradora. E foi assim eu escrevi e apresentei o texto: **O conceito de alma em Teresa de Jesus, segundo Edith Stein**, que em seguida foi publicado no livro: **Nas Trilhas de Teresa** (Sá e Siqueira, 2015, pp.13- 64). Para mostrar o seu carinho e atenção, ela o colocou em primeiro lugar no livro. Nesse caso realmente “os últimos foram os primeiros”.

Desse momento em diante a minha admiração e amizade pelas Irmã Olga só aumentou e seguimos nos vendo e nos correspondendo até bem próximo de sua morte, em 4 de outubro de 2020, no mesmo dia da morte de Teresa D'Ávila, com um intervalo de 438 anos (Santa Teresa faleceu em 4 de outubro de 1582). Nosso último contato foi em março de 2020, quando ela me convidou a apresentar um tema nos encontros do GESTA, em Lorena. Havia me enviado pelo correio o seu livro de poesias: **Paisagens da Vida**, que acabo de reler, junto com o seu pequeno grande livrinho **Interiorizações** – Trinta passos em direção do interior de si mesmo. A Irmã e Doutora Olga

de Sá não produzia livros, elas os “transpirava”, eram como que respirações ou palpitações de seu coração, nunca separado de sua mente. Assim como Teresa D’Ávila e Edith Stein, ela naturalmente conseguia algo que eu raramente atingia, e sempre com muito esforço: levar dentro de si “Marta e Maria, mas em pé de igualdade” (PARISE, in Sá e Siqueira, 2015, p. 30). A leitura dessas **Interiorizações** foi a primeira coisa que me veio em mente quando Sonia Siqueira me convidou a escrever um texto, a minha homenagem à Irmã Olga de Sá, que segue inspirando-me a ser uma pessoa melhor e mais conectada comigo mesma – e minhas pesquisas –, com Deus e com os outros.

Interiorizações e exteriorizações

O grande número de títulos e de formações feitas por Olga de Sá, em diferentes áreas do conhecimento, podem originar uma imagem errada de seu temperamento e personalidade: de alguém que não se contenta em aprofundar apenas uma área do conhecimento, mas salta de galho em galho, sem nunca se dar por satisfeita. Mas o que ocorre com essa incrível mulher é decididamente o contrário: por ter sua alma bem ancorada, enraizada, em seu interior, ela é capaz de um surpreendente autoconhecimento e de grande intimidade com Deus. Tudo o que ela falava, escrevia ou fazia, partia dessa fonte abundante e repleta de liberdade que alimentava todas as árvores plantadas em suas margens. A fertilidade da vida de Olga de Sá me lembrou o que observa Edith Stein de Teresa D’Ávila que, na descrição da sétima morada de seu Castelo interior, participando de antemão do desponsório místico com o seu Rei e Senhor, afirma que a finalidade da oração e de todo o caminho percorrido até ali é o de “fazer nascer obras, sempre obras” (STEIN, O Castelo interior. OC, V, p. 97. ESGA 11/12, p. 158). Da mesma forma Olga de Sá, no entardecer de sua existência aqui na terra, segue produzindo obras, semeando boas sementes, desejando que sejam acolhidas pelos corações dos homens e mulheres de boa vontade. Foi assim que interpretei a introdução de suas Interiorizações, onde ela afirma:

Um dia destes, estando em oração diante da Eucaristia ouvi uma voz, que dizia dentro de mim: escreva sobre isso, ajude as pessoas a fazerem “interiorizações”, a tornar habitada a própria solidão, a partir da sua. Achei graça naquilo e tentei nem sequer dar atenção a tamanho despropósito.

(...) Como podia eu fazer “interiorizações”? E ajudar os outros? Mas essa ideia não me deixou e aqui estou para escrever pequenas “interiorizações”, sem saber se servirão realmente para o fim a que se propõem (SÁ, 2018/2019, p.1).

Em um percurso de 30 dias, Olga de Sá nos convida a uma jornada espiritual, inicialmente ascética, passando pela “noite dos sentidos” e seguindo pela “noite do espírito”. Ela termina na contemplação mística de um “Deus que opta por estar conosco como Deus menino” (SÁ, 2018/2019, 29º dia). Preanuncia, na última interiorização, o encontro definitivo, o seu próprio desponsório místico que deverá se tornar realidade ao final de sua vida terrena:

Quero promover a paz. Já se prolonga por demais o meu desterro e não querem devolver-me à minha terra. O pôr-do-sol nos trouxe as trevas, mas não deve tardar a luz do dia. Luz sagrada que tudo resuscita para o labor dos homens valorosos (SÁ, 2018/2019, 30º dia).

Deixemo-nos guiar por essas pequenas interiorizações a fim de que o “poço” de solidão que existe dentro de nós possa tornar-se habitado, pelo encontro com Deus e consigo mesmo, pelas mãos e palavras da Irmã Olga. Ela quer compartilhar conosco a sua jornada espiritual, que ela percebia como um “romance de cavalaria” – literatura tão apreciada por Teresa D’Ávila e sua mãe – cujos personagens “mesmo quando não correspondem à realidade são expressão de energias reais e exercem, frequentemente, influência profunda sobre os homens e os acontecimentos” (SÁ, 2017, p. 17).

Já no primeiro dia das Interiorizações, Olga de Sá apresenta o nosso “Santo Graal”, o segredo mais escondido e mais escancaradamente revelado de nossa natureza humana, que nos capacita a não temer a solidão: “Tenho uma raiz em Deus” (SÁ, 2018/2019, 1º dia). A Irmã Olga, apesar de religiosa, não falava muito frequentemente de Deus. Ela não tinha muito gosto pela apologética, mas vivia a presença de Deus intensamente em seu interior e a manifestava claramente em seu exterior. Ela reconhecia e encontrava a sua presença na inteligência sensível e aguda de Clarice Lispector, na alegria de testemunhar uma criança tornando-se um jovem com valores sólidos e boa formação, no conhecimento humano e suas expressões na literatura, na poesia, no teatro, nos escritos místicos dos santos carmelitas, na obra de Claudio Pastore de outros artistas, na natureza e em outras tantas realidades terrenas.

Para Olga de Sá, não era preciso falar tanto de Deus, bastava apontá-lo, mostrar as suas manifestações concretas, indicar, sinalizando que por trás de todas essas obras encontrava-se o Criador de tudo e de todos. “O mundo fala de Deus. A natureza mostra Deus para nós” (Ibid.). Onde ela era capaz de identificar o Belo, o Bom, o Justo, o Verdadeiro, aí estava o Deus vivo! A busca pela “Santo Graal” é a busca de todo ser humano pelo sentido da vida, e Olga de Sá o havia encontrado; este era o seu maior segredo. Ela não apenas queria sorver desse cálice até a última gota, mas queria indicar aos outros esse caminho que havia percorrido na luta contra a solidão e na busca da verdadeira paz:

Olhando para dentro de mim vi que sou como uma árvore plantada junto a riachos, cujas folhas nunca murcham. Encontro lá no fundo de mim mesmo minhas raízes mais fecundas e nunca estou sozinho, sempre estás comigo. Por que temer a solidão? (SÁ, 2018/2019, Meditação do 1º dia).

Até o terceiro dias as interiorizações seguem nessa mesma linha: “Em ti me abrigo, em ti me refugio sem temer ficar sozinho” (SÁ, 2018/2019, Meditação do 2º dia); “Alguém me habita e é minha companhia, hoje, amanhã e para todo e sempre. Nunca me perderei nas veredas solitárias da amargura e da aflição” (SÁ, 2018/2019, Meditação do 3º dia). A partir do quarto dia,

inicia-se uma nova saga, a da constatação das limitações da própria humanidade e da fugacidade do tempo: “A vida é mutável e provisória. Ela é como barro que se molda. Nem um dia é igual ao outro” (SÁ, 2018/2019, 4º dia). Mas, como um atleta bem-preparado, unguido da cabeça aos pés com o óleo da fé e da experiência de seus longos anos de existência, a meditação relembra e reafirma a graça do amor de Deus que tudo pode e combate por nós:

Dentro de mim mesmo sou como um vaso de oleiro que mãos divinas modelam para conter o amor. Nunca estou sozinho e por isso no meu íntimo encontro sempre a face do amor (SÁ, 2018/2019, Meditação do 4º dia).

Apesar da fé e esperança em Deus, a realidade se apresenta como angústia e habitada pela nada. O combate precisa ser levado a termo, pois “a vida é como um mar de ondas revoltas” e “ninguém no mundo desconhece as trevas da noite” (SÁ, 2018/2019, 6º dia). São duas vozes que se contrapõem em cada interiorização e meditação, mostrando como é necessário manter-se de prontidão, vigiando sem cessar para não perder a fé e a esperança de que “tenho uma luz que me ilumina, um farol que me guia entre as ondas e não deixa afundar o meu barquinho” (SÁ, 2018/2019, Meditação do 6º dia).

No 7º dia, Deus é apresentado como aquele que preserva a alma do desânimo, originado sempre quando o próprio eu se impõe e quer conduzir, sozinho, as rédeas da própria vida. Não somos autossuficientes, apesar de tantas maravilhas que somos capaz de produzir com nossas capacidades.

Quando estou desanimado, minh’alma fugiu para longe e preciso de alguém para alcançá-la. Estou sem, estou des, estou sem alma. No meu íntimo encontrarei o ânimo que existe apesar de mim mesmo, apesar do abandono e do desconforto (SÁ, 2018/2019, Meditação do 7º dia).

Só a luz da face de Deus é capaz de iluminar as nossas trevas, que nos trazem mágoas e dor. E a luz de Deus se encontra no íntimo de cada um de nós. Assim como Santo Agostinho, Santa Teresa D’Ávila e Santa Teresa de Jesus – Edith Stein –, o lugar por excelência do encontro com Deus é o interior de cada coração humano, o local de sua “alma”, ou ainda, nas palavras de Edith Stein, na “alma da alma”, o local de seu núcleo identitário e pessoal, de sua singularidade irreduzível. Nesse local, “a luz da face de Deus penetra todas as trevas”, pois “ser habitado pelo Altíssimo é eterna consolação” (SÁ, 2018/2019, 8º dia).

Ser ciente da presença de Deus em si não nos isenta de angústia e amargura, pois a natureza humana é habitada por luzes e trevas, dado que “existe um abismo no coração de cada homem” (DE SÁ, 2018/2019, 10º dia). Só um coração fortalecido e pacificado pode impedir que afundemos no próprio abismo e sucumbamos no coração do mal (SÁ, 2018/2019, 10º dia).

Olga de Sá caracteriza esse coração fortalecido e em paz pela “juventude”: “A juventude é um estado de alma. A velhice não atinge os alicerces da

alma bem construída” (SÁ, 2018/2019, 11º dia). Aqui, certamente Olga de Sá estava falando de sua experiência de vida, em que o cultivo de uma alma fresca e jovial foi o grande interesse e constante combate. É isso que ela quer nos comunicar, pois acredita, assim como Santa Teresa que escreveu para suas monjas, que essa experiência exitosa deve ser compartilhada para que outras pessoas possam trilhar o mesmo caminho de modo mais eficaz e seguro.

Passa depressa a vida nessa corrida doida, cheia de confusões. Minh'alma, gloriosamente, não tem tempo de envelhecer. Sempre jovem vai vivendo, deixando o corpo sobreviver (SÁ, 2018/2019, Meditação do 11º dia).

A juventude da alma é assegurada pela confiança em Deus, que nos mantém em paz nas tribulações da vida, sempre habitada por alegrias e tristezas. Cabe ao homem “governar todas as coisas, o mundo e os seres que o povoam” (DE SÁ, 2018/2019, Meditação do 12º dia), mas esse governar nos cansa e atemoriza. Só no Senhor encontramos refúgio. Com Deus não tememos “a peste que caminha no escuro” (SÁ, 2018/2019, Meditação do 13º dia) e a desgraça que devasta em pleno dia, pois com ele nosso coração não permanece vazio.

No 14º dia, Olga de Sá fala de um “caminho seguro” para alcançar Deus, que não é o das lutas contra os males da vida, mas é o da contemplação que procura imitar o que faz a natureza, cumprindo a sua missão dada pelo Criador: “Tudo o que vive e respira louva a Deus e assim também deve fazer o ser humano” (DE SÁ, 2018/2019, 14º dia). O caminho ascético apresentado até aqui no embate entre a felicidade e a amargura da vida vai dando lugar ao caminho da entrega a Deus e da oração de quietude. Nos é apresentado, com linguagem simples, mas profunda, o percurso que se inicia nas quartas moradas do Castelo Interior de Santa Teresa. De tanto estudar e meditar esse texto de Teresa D'Ávila, a Irmã Olga já o tinha incorporado em sua vida:

Não me agacho, não espreito os infelizes, pobres e miseráveis. Minh'alma está limpa e clara, esperando a bênção da justiça. Estou tranquilo dentro de meu ser e não invejo o riso dos malvados, nem a façanha dos ambiciosos (SÁ, 2018/2019, Meditação do 14º dia).

Não quero fugir para os montes como o pássaro que teme a armadilha. Não receio o arco retesado, porque ele não pode atingir-me. Sou livre da violência e do engano. Gozo a alegria dos corações pacíficos que, mansos, possuirão a terra (SÁ, 2018/2019, Meditação do 15º dia).

As faculdades aqui já foram adormecidas pelo esforço ascético das primeiras moradas e a alma pode almejar o descanso em Deus. É o próprio Senhor que deseja preparar-nos o descanso, pois ele está ciente de que o impedimento está em nós mesmos (Castelo Interior, 1995, p.475). As interiorizações seguem apresentando a imagem da criança pequena, abandonada a Deus: “as crianças embelezam o mundo mais do que as flores” (DE SÁ, 2018/2019, 17º dia). Aqui fala a pedagoga que vê a criança como um fio de água que “se transforma em torrente que corre

para o mar”, como uma semente que carrega em si “uma árvore para alegrar a paisagem” (DE SÁ, 2018/2019, 17º dia). A criança também serve como metáfora para dar a entender o repouso em Deus: “Como a criança dormindo bem tranquila, no regaço da mãe, amamentada, assim repousa a minh’alma” (SÁ, 2018/2019, Meditação do 17º dia). Aqui é a pequena Teresa de Lisieux que parece servir de inspiração para a nossa autora.

As meditações se encadeiam e fica cada vez mais claro que elas podem ser lidas como um percurso autobiográfico de Olga de Sá. Ela faz alusão agora à procura pelo Santo Graal, tema que aprofundou após a sua graduação em Letras Clássicas na USP e que deveria se transformar em um mestrado. Por causa de uma viagem para Turim, na Itália, onde permaneceu dois anos fazendo um curso – e aproveitou para pesquisar sobre o tema do Santo Graal em Londres e em Portugal – ela perde o prazo para a apresentação de sua dissertação. Mas, em 2017, com aproximadamente 89 anos e a vitalidade de uma criança, retoma os escritos de juventude sobre a novela do século XII, **A Demanda do Santo Graal**, e os transforma em um ensaio: **A Demanda do Santo Graal**: uma busca espiritual (Lorena, CCTA, 2017, Série Ensaios, 8).

Em sua 18ª interiorização Olga de Sá apresenta o anseio humano pela eternidade contraposto à finitude da vida. Aqui é introduzido o tema da busca pelo Santo Graal: “A vida humana é um graal que encheram de estranhas bebidas”. Ela nos interpela com duas perguntas, nos colocando no papel de um cavaleiro medieval, disposto a tudo abandonar e a combater até o fim de sua vida: “Busco o graal, vaso de mil faces, mas me esqueço que ele é sagrado? Descubro minha finitude, perante a qual o universo se expande indiferente?” (SÁ, 2018/2019, 18º dia).

Irmã Olga faz um balanço nesse seu tempo de vida de quase 90 anos e apresenta o antídoto para uma vida sem sentido: nunca esquecer que o graal do sentido da vida, por mais saboroso e luxuoso que seja – contendo estranhas bebidas em suas mil faces –, se for visto sorvido como uma vida que procura bastar a si mesma com o que produz e consome durante a sua existência finita, só levará à solidão, frustração, amargura e depressão. Precisamos levar em conta a nossa finitude e não dar a ela um valor maior do que ela mesma possui, pois perante ela “o universo se expande indiferente” (Ibid.).

Outro remédio importante contra a solidão, especialmente de um vida que está chegando a seu termo e se propõe a fazer um balanço do que lhe restou como bagagem para a entrada na vida eterna, é o cultivo das amizades. Isso a nossa querida Irmã Olga soube fazer com grande maestria, mantendo-as e alimentando-as até o final de sua vida. Por isso, na mesma interiorização em que apresenta a vida como um graal de mil faces repleto de bebidas estranhas, ela convida a uma meditação sobre a amizade: “O amor seja sincero. Que nos una o amor fraterno e nos ajudemos com atenções recíprocas” (Ibid.).

As amizades auxiliam a viver a vida com suas múltiplas carências e pe-

quenas mortes, pois “todo homem labuta fazendo crescer desertos e cidades, que lhe quebram os dentes” (SÁ, 2018/2019, 19º dia). Nesse rol de labutas Olga de Sá inclui também a busca do conhecimento pelo conhecimento, que aparentemente parece ser algo mais nobre, mas “abraçar a vida com palavras sobre palavras” (Ibid.) não passa de uma tentativa de dominação daquilo que não se pode dominar. O remédio para esse busca e labuta vãs, semelhante ao “sono que entorpece”, é apresentado por meio de uma pergunta: “Esqueço-me de que sou um reles mortal capaz de falar com Deus?” (Ibid.) E a resposta surge, prontamente: Sempre estarei nesse mundo como uma “ovelha perdida” e preciso deixar-me encontrar pelo Bom Pastor que me retira dos montes da dor, me coloca “sobre os ombros, longe dos cabritos, junto do redil, no dia final” (SÁ, 2018/2019, Meditação do 19º dia).

No 20º dia aparece uma outra figura, a do “surfista corajoso” que dança sobre as ondas furiosas do orgulho do oceano majestoso, o “mundo de paradoxos e lutas inglórias” onde o ser humano se sente perdido. A alma, equiparada a esse surfista, “dança sobre elas” e não se deixa derrubar por seus embates. Ou seja, não se pode subtrair-se das tempestades inerentes à vida de nosso tempo, especialmente nesse mundo de asfalto e tecnologias, mas é possível conservar a paz no meio delas (SÁ, 2018/2019, Meditação do 20º dia).

O tema do bom ou mal uso das tecnologias é abordado na sequência, mostrando que elas não são boas ou más em si mesmas, mas no modo como o ser humano as usa, ou no excessivo valor que ele pode, erroneamente e ambiciosamente, conceder a elas: “Nenhuma máquina consegue deter o tempo” (SÁ, 2018/2019, 21º dia). Criaram-se facilidades e conforto com as novas tecnologias, mas também novos problemas, gerando o aumento da ambição do ser humano, que só se considera feliz quando consegue adquirir a última novidade produzida pela tecnologia e apresentada, artificialmente, como um bem imprescindível. Cabe se fazer a pergunta deixada pela Irmã Olga: “Combato em mim a ambição e procuro não desejar mais do que preciso?” (Ibid.).

A meditação sobre a finitude do tempo e seu verdadeiro valor é apresentada como antídoto para o mal da ambição, do uso excessivo e equivocado das tecnologias, assim como da necessidade de ser visto como alguém que obteve sucesso:

O tempo é algo que não volta. Preciso plantar o meu jardim, decorar a saleta de minh'alma, sem esperar que alguém me traga flores. Assim os dias serão felizes e na roda vertiginosa da existência, nada roubará a minha paz (DE SÁ, 2018/2019, Meditação do 21º dia).

O outro pode ser de grande ajuda para encontrar o graal que nos concederia o acesso à eternidade, mas também pode se tornar pedra de tropeço. Mas a decisão está em mim, no modo como me deixo afetar e como me relaciono com minhas amizades. Olga de Sá nos dá mais uma dica: “Que pode faltar a quem só deseja amar e alegrar o ser humano?” (SÁ, 2018/2019, Meditação do 22º dia). O nosso verdadeiro Amigo, que é capaz de nos amar e alegrar eternamente é o “Pai consolador”, e chegar a

ele deve ser a meta e destino de nossa peregrinação na existência de nossa finitude. “Sou um peregrino consciente disso?” (SÁ, 2018/2019, 23º dia). A consciência da meta de nosso peregrinar gera em nós humildade e capacidade de aceitar a ajuda dos outros para ampliar a própria visão de mundo e atingir o fundo do próprio íntimo. A poesia aparece nesse momento como um exemplo dessa visão de mundo ampliada, que nos permite indicar mais do que o signo pretende significar: “Ouvir estrelas não é para quem perdeu o senso, mas para os que têm a poesia dentro de si” (SÁ, 2018/2019, 24º dia).

Olga de Sá, assim como Clarice Lispector, traz “a poesia dentro de si”, e isso a aproximava de Deus e a livrava do medo da morte. A poesia carrega o amor à vida e a tudo o que ela pode nos oferecer. Mitigar o medo da morte não é possível apenas com o desprezo da vida, pois essa vida, mesmo que perecível, deve ser bem vivida e usufruída, para que saibamos valorizar ainda mais a vida que está por vir. O esvaziar-se de si mesmo não é visto como resultado de um caminho ascético, pois até a ascese pode ser motivada pela ambição e vontade de parecer grande aos olhos dos outros. A verdadeira ascese é aquela que Olga de Sá aprendeu com Teresa D’Ávila, a que conduz a uma total confiança no amor de Deus:

Olha o céu, a lua, as estrelas e me pergunto: que é um mortal, para que Deus dele se lembre, e um filho de Adão para ser visitado? Fui coroado de glória e beleza e tenho tudo sob meus pés. Que mais posso almejar? (DE SÁ, 2018/2019, Meditação do 26º dia).

A consciência do amor de Deus por nós deve produzir em nós a capacidade e ousadia de um amor maior, não apenas para com os outros seres humanos, mas também para com as coisas criadas, um amor em sua justa medida. É o amor que diferencia a ascese frutuosa, que conduz à contemplação e ao desponsório místico, da ascese que gera orgulho, frustração e solidão: “Uma vida sem amor é como um túmulo cimentado” (DE SÁ, 2018/2019, 27º dia). O amor e as paixões podem ter aparências semelhantes, mas “o amor não se queima com as chamas e nem se afoga com as águas”, pois “o amor é forte como a morte e a paixão é cruel como o túmulo” (Ibid.). Por isso, não precisamos escolher não amar para não precisar sofrer, até porque o sofrimento faz parte de nossas vidas. “Quando não houver mais travo de amargura, dor, alegria, só segura infinda, a vida foi embora” (SÁ, 2018/2019, 28º dia).

Aproxima-se assim o final das interiorizações, como também se aproximava o final a vida de Irmã Olga de Sá, o 4 de outubro de 2020. Guerreira destemida do amor que se sabe amado, peregrina incansável em busca do graal do sentido da existência humana, vendo suas forças desfalecerem, pressente “as trevas do pôr-do-sol”, mas também “percebe a claridade da luz do dia” (SÁ, 2018/2019, 30 dia):

O pôr-do-sol nos trouxe as trevas, mas não deve tardar a luz do dia. Luz sagrada que tudo ressuscita para o labor dos homens valoroso (DE SÁ, 2018/2019, Meditação do 26º dia).

Querida Irmã Olga, essas palavras são agora dirigidas a você, que me trouxe tanta inspiração e preenche o meu coração de alegria toda vez que lembro de seu sorriso ou o contemplo em um das fotografias que tirei nos nossos encontros do GESTA, em Lorena. Não tenho dúvida que o seu desejo de “promover a paz” segue motivando a sua vida para além de sua existência terrena. Não consigo imaginá-la feliz e completamente realizada até que todos os seus amigos tenham chegado junto de Deus, no céu. E são muitos, felizmente. Que possamos imitar os seus passos, interiorizar suas meditações, vive-las apropriando-se delas e inspirando outras pessoas a fazerem o mesmo. Mestre do amor e da alegria de viver, que a nossa maior gratidão seja a sua imitação, especialmente no período do ocaso de nossa vida aqui na terra.

Referências

DESÁ, Olga **Interiorizações**—Trinta passos em direção ao interior de si mesmo. Lorena, SP: Gráfica e Editora Universitária Teresa D'Ávila, 2018/2019.

_____. **A demanda do Santo Graal: uma busca espiritual.** Lorena, SP: CCTA, 2017. (Ensaio 8).

STEIN, Edith. **Obras completas.** Escritos espirituales. En el Carmelo Teresiano: 1933-1942. V. V. Burgos–Vitoria–Madrid: Ed. Monte Carmelo–Ed. el Carmen–Ed. de Espiritualidad, 2004.

Parise, Maria Cecilia I. O conceito de alma em Teresa de Jesus segundo Edith Stein. In **Nas Trilhas de Teresa.** Olga de Sá; Sônia Siqueira (org.). Lorena, CCTA, 2015. (Ensaio, n.6). P. 13 – 64.

TERESA DE JESUS, **Obras completas.** São Paulo: Editora Loyola e Edições Carmelitanas, OCD, 1995. 3ª edição: abril de 2008.